



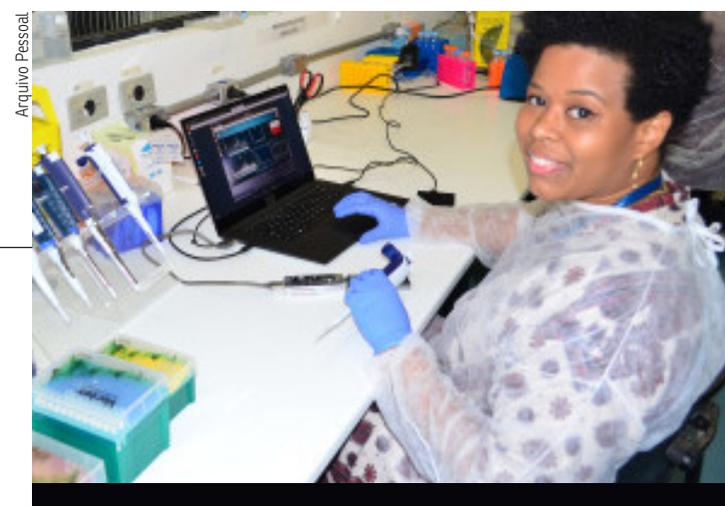
CARMENSOUZA
carmensouza.df@dabr.com.br

PRETOS NO TOPO



Retratos de 2021

Defensores de causas ligadas às temáticas negras indicam os fatos marcantes do ano



QUEM ESCOLHEU



PAULO PAIM
senador (PT/RS)



BRUNA BRELAZ
estudante de direito e presidenta da União Nacional dos Estudantes (UNE)



MARJORIE CHAVES
coordenadora do Observatório da Saúde da População Negra (PopNegra), vinculado ao Núcleo de Estudos de Saúde Pública (Nesp/Ceam-UnB) e pesquisadora do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros (Neab/Ceam-UnB)



CLARISSA VERENA LIMA FREITAS
defensora pública da Bahia e coordenadora da Comissão Étnico-racial da Associação Nacional das Defensoras e Defensores Públicos (Anadep)

1 Avanços no Senado

“O fato marcante em 2021, sem dúvida, foi a aprovação histórica do Senado Federal de 10 proposições voltadas para a pauta racial. Desde a Constituinte, o Congresso nunca aprovou tantas matérias raciais como fizemos este ano. O racismo está presente em toda a sociedade brasileira. Ele é estrutural, precisa ser combatido todos os dias. Eu sempre digo que a chamada ‘democracia racial’ do nosso país é uma falácia. Isso nunca aconteceu. É uma forma de esconder o debate, a violência e as discriminações que o povo negro sofre. Não enfrentar essa situação é permitir a continuação da miséria e da pobreza. O Senado tem feito um trabalho nesse sentido, mesmo com enormes dificuldades. Aprovamos em 2021 o projeto que trata da abordagem policial (que proíbe agentes públicos e profissionais de segurança privada de fazerem abordagens baseadas em preconceitos de raça, origem étnica, gênero, orientação sexual ou culto). Agora, ele tramita na Câmara e aguarda votação. Ratificamos a Convenção Interamericana contra o Racismo. Em novembro, aprovamos outros três projetos. Um deles é o que tipifica como crime de racismo a injúria racial. Aliás, o Supremo Tribunal Federal (STF) reconheceu recentemente essas aspirações: o que reconhece o sítio arqueológico do Cais do Valongo, no Rio de Janeiro, como patrimônio da história e da cultura afro-brasileira, e o que cria o Selo Zumbi dos Palmares nos municípios que adotarem políticas afirmativas; já promulgado pelo presidente do Senado. Essa batalha que travamos tem que ser feita com muita perseverança e coragem, com a participação de todos, dialogando por meio da boa política. Sozinho não se chega a lugar algum.”

2 Recados da universidade

“**Jaqueline Goes** é uma mulher negra, brasileira, que atuou, dentro da universidade, no combate à pandemia. Para a gente que tem lutado pela garantia do acesso dos negros às universidades, e isso vinculado também aos processos das cotas sociais e raciais, o feito dessa biomédica é uma conquista muito grande. Ver uma mulher negra sequenciando o genoma do coronavírus para que se possa elaborar pesquisas e conhecimento, protegendo a população, é algo significativo. Ela é um símbolo da atuação dos cientistas brasileiros na defesa da saúde e da soberania. Soberania no sentido de que o conhecimento é um caminho para que a gente possa salvar o povo das mazelas sociais, o que se intensificou na pandemia da covid-19. Além disso, o principal argumento das pessoas contrárias principalmente às cotas raciais é de que elas reduzem a qualidade do ensino superior. A história de Jaqueline e de outros estudantes têm provado o contrário. Eles se engajam em pesquisas, buscam as melhores notas — uma oportunidade que é tirada de muita gente também devido ao genocídio do povo negro ainda em curso no Brasil. Por um lado, temos lutado para que as cotas permaneçam, uma discussão que o Congresso Nacional terá que fazer em 2022 (quando vence a Lei das cotas). Por outro lado, também precisamos fazer um debate profundo sobre a segurança pública. Pessoas negras não chegam às universidades porque estão morrendo antes, nas chacinas que acontecem nesse país. A morte da **Kathlen Romeu** (em junho, no Rio de Janeiro, por um tiro disparado por um policial militar, segundo as investigações) é um exemplo disso e também um acontecimento marcante deste ano.”